

PRODUÇÃO DE IMAGENS NA PESQUISA DE CAMPO: a fotografia no estudo de práticas com as TICs em uma ruralidade¹

THE PRODUCTION OF IMAGES WITHIN FIELD WORK: photography in the study of practices with ICTs in rural areas

João Vicente Ribas²

Ana Carolina D. Escosteguy³

Resumo: *O relato de uma experiência sobre o uso da fotografia como instrumento auxiliar na pesquisa de campo é o tema deste artigo. Durante investigação no espaço rural, buscando detalhar as práticas com as Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) de famílias agricultoras, no município de Vale do Sol (RS), entre 2014 e 2019, introduzimos o registro fotográfico como ferramenta de apoio nas saídas a campo e, ao longo do percurso, ampliamos sua importância no desenho metodológico, principalmente, como meio de produção de situações observáveis a serem registradas nos diários de campo. É sobre esse processo e experiência de distintos usos das imagens produzidas que nos propomos refletir aqui. Daí a razão de examinar o que foi feito, tendo como objetivo final uma proposição para o uso do recurso da fotografia em pesquisas sobre práticas com as TICs, independentemente do caráter rural ou urbano dos grupos investigados.*

Palavras-Chave: *Fotografia. Metodologia. TICs.*

Abstract: *The report of an experience on the use of photography as an auxiliary instrument in field research is the subject of this article. During research in rural areas, seeking to detail the practices with Information and Communication Technologies (ICTs) of farming families, in the municipality of Vale do Sol (RS), between 2014 and 2019, we introduced the photographic record as a support tool in the fieldwork and, throughout the pathway, we expanded its importance in the methodological configuration, mainly, as a way of producing observable situations to be recorded in the field diaries. It is about this process and experience of different uses of the images produced that we come up with to reflect here. Hence the reason for examining what has been done, with the final goal of proposing the use of photography in research on practices with ICTs, regardless either the groups investigated are from rural or urban areas.*

Keywords: *Photography. Methodology. ICTs.*

1 Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Recepção, circulação e usos sociais das mídias do XXIX Encontro Anual da Compós, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande - MS, 23 a 25 de junho de 2020

2 Professor de Jornalismo da Universidade de Passo Fundo (UPF), Doutor em Comunicação (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul), pampurbana@gmail.com.

3 Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Professora Visitante do Programa de Mestrado em Comunicação da Universidade Católica del Uruguay (UCU), Doutora em Ciências da Comunicação (Universidade de São Paulo), pesquisadora do CNPq, carolad2017@gmail.com.

1. Introdução

Guiados pela noção de reflexividade (NEVES; NOGUEIRA, 2005), retomamos o uso do recurso da fotografia na pesquisa sobre práticas cotidianas com tecnologias de comunicação no rural (ESCOSTEGUY et al, 2019). Estudos focados em usos e práticas com as TICs têm investido na pesquisa de campo baseada principalmente em entrevistas, combinadas com outras técnicas qualitativas como a observação. Em alguns casos, também, são usadas técnicas de caráter quantitativo. Porém, a pesquisa com imagem não tem merecido atenção, ao menos quando se trata do tipo de investigação que se situa nos Estudos Culturais articulados com a Comunicação e a área do Desenvolvimento.

Mesmo na Antropologia, “as imagens e os sons, durante boa parte do século XX, desempenharam o papel de ‘anexo’ ou de ‘ilustração’ nas pesquisas antropológicas”. Tendo se consolidado como uma disciplina predominantemente escrita, apenas em meados do século passado, com o deslocamento paulatino do seu objeto de estudo das “ditas sociedades ‘primitivas’” para as “modernas sociedades complexas”, é que as pesquisas antropológicas encararam os desafios de usar imagens visuais e/ou sons na produção de conhecimento (ECKERT; ROCHA, 2016, p. 277).

Mesmo que não tenhamos o mesmo tipo de abordagem dos antropólogos que costumam vivenciar intensamente as culturas e sociedades humanas que pesquisam, com imersão em campo por longos períodos de experiência etnográfica, apostamos em nossa pesquisa no uso da fotografia como instrumento de investigação. Com possibilidades mais restritas de saídas de campo e com o objetivo de compreender as apropriações e incorporações das TICs no cotidiano da agricultura familiar, utilizamos inicialmente o recurso da fotografia para conservar o registro das visitas realizadas às distintas propriedades rurais. Assim, tanto essas imagens testemunham que “estivemos lá”, quanto ilustram nossas incursões no campo. Mais tarde, percebemos que a produção de imagens poderia maximizar as chances de produzirmos informações pertinentes sobre o grupo social investigado, se a fotografia fosse construída com método. É sobre esse processo e experiência de distintos usos das imagens produzidas que nos propomos refletir, aproximando-nos de algumas contribuições da antropologia visual.

Contudo, antes de apresentar nosso percurso de produção de imagens em campo, esclarecemos algumas premissas da pesquisa já realizada (ESCOSTEGUY et al, 2019). Situados no campo dos Estudos Culturais em articulação com a Comunicação e o Desenvolvimento Regional, entendemos que nosso objeto – as práticas cotidianas de famílias agricultoras, inseridas na cadeia agroindustrial do tabaco, relacionadas às tecnologias de comunicação – exigiu a composição de uma trama teórico-metodológica de caráter interdisciplinar. Entretanto, não se abriu mão de um princípio da perspectiva culturalista: a pesquisa implica produção e não apenas coleta de dados, estando “o pesquisador implicado com o que registra, bem como com as formas de seleção, organização e análise daquilo que viu, ouviu, fotografou, filmou ‘em campo’” (BONIN; RIPOLL; SANTOS, 2015, p. 136).

Se as/os pesquisadoras/es estão comprometidas/os e enredadas/os com a investigação em curso, é pertinente reconhecer que a equipe que realizou o estudo *As tecnologias de comunicação no cotidiano de famílias rurais* (ESCOSTEGUY et al, 2019) teve sua experiência social constituída predominantemente no espaço urbano, ainda que boa parte dela tenha origens familiares em distintas zonas do interior do estado (RS). Portanto, reconhecemos que o universo rural pesquisado é relativamente desconhecido para nós.

Situando nossa metodologia perante a antropologia realizada no Brasil, notamos uma aproximação com os estudos urbanos, conforme Eunice Durham (1986, p. 19) descreve. Pois historicamente, os antropólogos dedicaram-se a populações indígenas e a sociedades rurais isoladas, empregando métodos de integração às comunidades estudadas. Contudo, em nossa pesquisa, entende-se que não há uma dicotomia rural-urbano. Nossa investigação “apoiou-se na compreensão de que o rural é uma categoria em construção, fruto das interações dos sujeitos com o espaço geográfico ao longo da história (...). E que ruralidade, por sua vez, dá conta da relação que as pessoas estabelecem com este espaço, tanto no concreto, no vivido, como no simbólico, no representado” (GUERIN et al, 2019, p. 50).

Contemporaneamente, na antropologia, os temas relacionados a cidades ganharam mais atenção e abordagens empíricas que conjugam a observação participante com a preocupação sobre a dimensão simbólica e cultural. Desenvolveu-se amplamente a preocupação com a natureza da relação do pesquisador com a população estudada, em relatórios de experiência em campo. Desta forma, podemos afirmar que fomos ao ambiente rural, lugar privilegiado para a pesquisa tradicional qualitativa de longa duração, mas levamos o método “citadino”, conforme Durham:

Na pesquisa que se faz nas cidades, dentro de um universo cultural comum ao investigador e ao objeto da pesquisa, a participação é antes subjetiva do que objetiva. O pesquisador raramente reside com a população que estuda [...] Mas busca, na interação simbólica, a identificação com os valores e aspirações da população que estuda (1986, p. 26).

Esse enfoque se coaduna com o entendimento adotado de que “a ruralidade é uma forma de percepção e representação que está relacionada à cultura e à identidade dos indivíduos e atores” (SCHNEIDER apud GUERIN et al, 2019, p. 44). Importante observar ainda que, na perspectiva antropológica citada, a entrevista é o meio principal de coleta de dados. Nossa pesquisa também teve essa técnica como instrumento fundamental, embora associado com outras: formulário individual e de família, entrevista coletiva e individual, diário de campo, observação e registro fotográfico.

Enfim, no âmbito da pesquisa empírica, privilegamos a compreensão de que “todas as tecnologias são intrinsecamente sociais já que são desenhadas, produzidas, utilizadas e governadas por pessoas” (WAJCMAN, 2017, p. 50). Em consequência, as práticas com as TICs estão constituídas por estruturas sociais e estabelecem relações com formações sociais mais amplas. Por essa razão, a abordagem adotada integra duas formas de aproximação: a sociologia e a antropologia, que “deram como resultado um marco que poderia denominar-se – de modo pouco ortodoxo – como uma sócio-antropologia das tecnologias de comunicação” (REGUILLO, 1998, p. 88).

Após essa breve explicitação de princípios, apresentamos nossa reflexão em dois movimentos. O primeiro abarca a produção de fotografias em campo, sem uma reflexão metódica que ampare o uso desse recurso com planejamento e objetivos específicos no desenho metodológico da investigação. Ainda dentro desse registro, relatamos nossa experiência de devolução e retorno de resultados mediante a entrega de um álbum de fotografias para cada família.

O que se está considerando como segundo movimento traz implícita uma preocupação sobre a utilização do ato fotográfico em campo como produtor de dinâmicas, que colaborou na reconfiguração de relações entre pesquisador/a/entrevistado/a, ampliando o conhecimento sobre a situação em pauta. Constitui ainda este processo a elaboração de narrativas visuais sobre as propriedades rurais visitadas e sobre os sujeitos da pesquisa, ainda que acompanhadas de um texto escrito (ESCOSTEGUY; BIANCHINI; RIBAS, 2019, p. 112-

129). Porém, entende-se que este segundo movimento teve início ainda de modo bastante casual e somente vislumbramos sua potência ao término da investigação. Daí a razão de examinar o que foi feito, tendo como objetivo final uma proposição para o uso do recurso da fotografia em pesquisas sobre práticas com as TICs, independentemente do caráter rural ou urbano dos grupos investigados.

2. Primeiro movimento: a fotografia como registro, ilustração e devolução

A utilização da fotografia esteve presente desde o início da pesquisa, em 2014. As primeiras duas famílias que foram visitadas contaram com a intermediação de um agrônomo⁴ que nos acompanhou nesta entrada em campo. Membros da equipe de pesquisadoras/es registraram com seus celulares o trajeto percorrido entre Santa Cruz do Sul e o município do Vale do Sol, de 37 quilômetros de distância. E, adiante, o percurso em estradas secundárias até a localização de cada uma das propriedades. Tínhamos acordado que, caso houvesse chance de fotografar a casa e/ou a família, era obrigatório solicitar uma autorização, ainda que, nessa etapa, informal.

Na primeira família visitada, inclusive, o intermediador fez fotografias, registrando a presença da equipe de pesquisadoras/es nas propriedades rurais. Notamos, na primeira visita, que o agrônomo/intermediador não solicitou autorização e que o uso de câmera e de *flash* inibiu a conversa coletiva. Por isso, acordamos que nas próximas visitas qualquer uma/um de nós, pesquisadoras/es, obrigatoriamente faria um pedido para fotografar. Inclusive, propondo o consentimento através de um termo específico para o uso de imagens⁵. Assim, todas/os estávamos aptos a usar as câmeras de nossos celulares. E, também, poderíamos usar outro tipo de câmera⁶, se fosse o caso.

⁴ No ano seguinte, as demais famílias que participaram da investigação, foram indicadas a partir de sugestões dos próprios entrevistados/as.

⁵ A assinatura dos termos ocorreu em 2017.

⁶ A maioria das fotografias de nosso acervo foram registradas com distintos telefones celulares. Apenas dois membros da equipe, João Vicente Ribas e Matheus Zarpellon, utilizaram máquinas semiprofissionais digitais, modelos DSLR (Digital Single Lens Reflex), de pequeno porte.

Foto 1
Imagem obtida nas primeiras visitas, com intuito de registro



FONTE - Fotografia registrada em campo pelos/as pesquisadores/as

Foto 2
Imagem captada para registro dos lugares visitados e ilustração da pesquisa



FONTE - Fotografia registrada em campo pelos/as pesquisadores/as

Foto 3

Imagem obtida nas primeiras visitas, com intuito de registro



FONTE - Fotografia registrada em campo pelo intermediador

A fotografia, desta forma, foi inserida nas atividades primeiro como forma de registro livre, sem pretensão analítica. Praticamente todos/as os/as integrantes da equipe usamos nossos celulares para registrar o trajeto que percorremos entre Santa Cruz do Sul e Vale do Sol, o centro urbano propriamente dito desse último município, as propriedades rurais visitadas e suas respectivas casas. Percebemos, de imediato, que essas fotografias ativavam a descrição de determinados detalhes nos diários individuais de campo, produzidos após as visitas.

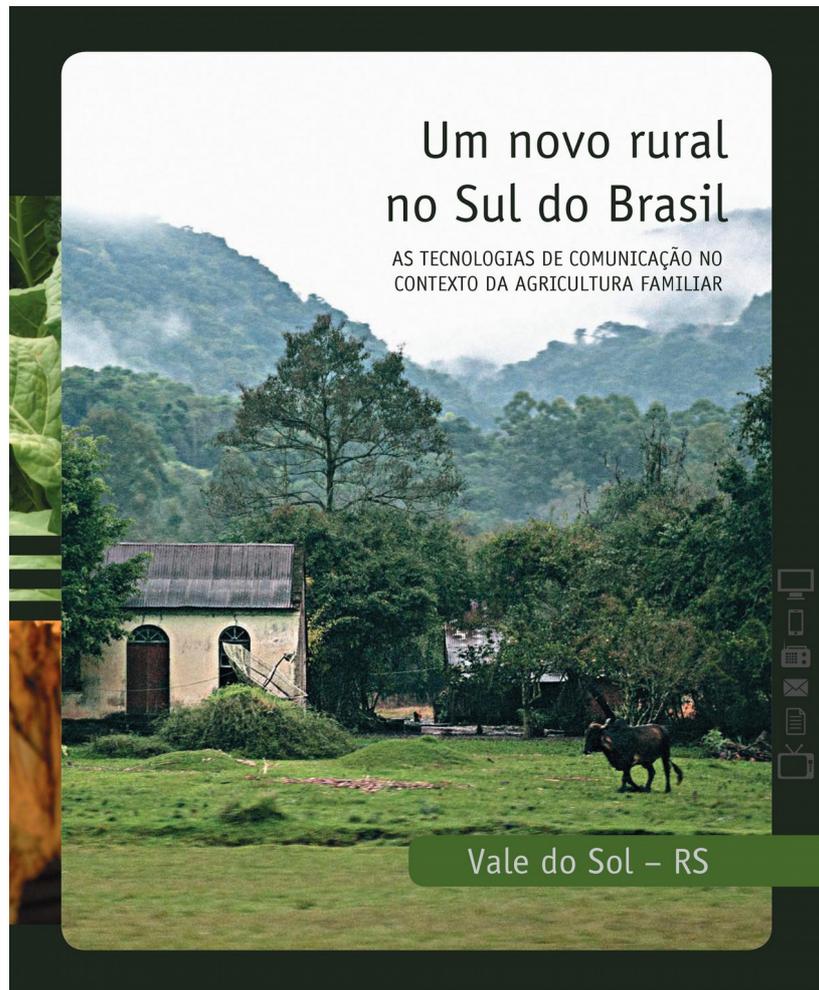
A partir dessa descoberta, em meio às saídas a campo e sem que tivéssemos tempo hábil para treinamento e/ou discussão sobre o uso da fotografia como recurso na estratégia metodológica da pesquisa, foi incorporada uma proposta de retrato dos entrevistados com seus meios de comunicação favoritos⁷. Isso aumentou a importância da fotografia no trabalho de campo, gerando novos comentários dos pesquisadores nos seus cadernos de campo. Ou seja, passou-se a registrar as diversas reações dos entrevistados ao serem convidados a posar para as fotos ao lado do seu meio de comunicação predileto. Esse procedimento teve

⁷ A questão do meio de comunicação favorito já integrava dois dos instrumentos de pesquisa: o formulário individual e a entrevista em profundidade. A partir de então, o uso da fotografia passou a ser um desdobramento desta temática na dinâmica dos trabalhos em campo.

consequências: foi produzido um conjunto de recomendações para fotografar em campo, o que motivou, também, nosso interesse em ampliar o conhecimento sobre o uso de imagens na investigação. Dado que essa experiência implicou uma relativa sistematização sobre a utilização do recurso fotográfico, faz parte do que aqui consideramos segundo movimento na pesquisa, que adiante será mais apropriadamente relatado.

Ainda situamos no primeiro movimento, embora tenha ocorrido ao final da pesquisa, a produção e entrega dos álbuns de fotografias da propriedade e da família. Essa foi a última ação e experiência de campo em contato com os grupos estudados. Ocorreu em nova visita a cada uma das famílias participantes da pesquisa, após coleta de dados, como forma de devolução de resultados e agradecimento. Portanto, a fotografia também acabou promovendo a realização de mais uma etapa de contato e interação, não prevista inicialmente. A ideia era dar um retorno sobre o término da pesquisa e agradecer a disposição de todos que gentilmente cederam parte de seu tempo à investigação. Produzimos sete álbuns de família, editados e impressos, contendo os retratos realizados e as fotografias de cada lugar visitado. Cada grupo familiar⁸ recebeu uma coleção personalizada, incluindo uma foto do grupo de pesquisadores/as que tinham visitado a propriedade.

⁸ Adotamos a identificação dos respondentes pela letra inicial do sobrenome, no caso das famílias, e pelas iniciais do nome e sobrenome, no caso dos sujeitos individuais.

Foto 4
Capa do álbum de família

FONTE - Elaborado pelos pesquisadores/as

Na experiência de entrega, realizada em julho de 2017, notamos que os álbuns geraram um novo estímulo e interação. Se nas primeiras visitas, por meio de formulários e entrevistas, indagamos sobre mudanças e incorporações de TICs na família, neste último contato as fotografias estimularam comparações entre o antes e o depois (novas aquisições de aparelhos, novas configurações nas casas, etc.). O intervalo entre as visitas, em alguns casos, era de mais de dois anos. A comparação foi assunto tratado em todas as conversas no ato de entrega do álbum de fotografias, registrada em um diário de campo coletivo⁹.

Assim, concluímos que a ação de produção e entrega dos álbuns também constituiu um importante instrumento de pesquisa, tanto para geração de novas informações quanto para

⁹ Após as visitas às famílias para entrega do respectivo álbum, decidimos construir um diário coletivo que registrasse nossas impressões das visitas, bem como enumerasse as modificações que encontramos nessa ocasião.

“prestar contas” à comunidade participante. Ainda, o álbum de retratos conserva a memória das visitas e o envolvimento de cada uma das famílias em tal atividade. Porém, destacamos que a “leitura” conjunta das fotos dos álbuns constituiu uma maneira eficaz de retroalimentar a relação entre a equipe de pesquisa e as famílias participantes. Enfim, neste caso, a fotografia serviu como objeto de intercâmbio entre “nós” e “eles/elas”.

Foto 5

Imagem registrada no momento da entrega do álbum de fotografias para uma família



FONTE - Fotografia registrada em campo pelos/as pesquisadores/as

3. Segundo movimento: pensando um método para o recurso fotográfico

Como já dito, foi no andamento da pesquisa que se percebeu a fotografia como um instrumento potente para além do registro de situações em campo e da conservação da memória sobre os locais visitados. Considerou-se que as imagens permitiam construir relatos de campo muito mais detalhados. Além disso, observamos que os primeiros retratos com as tecnologias de comunicação preferidas propiciavam ampliar o conhecimento sobre seus usos. Por isso, a partir desse momento, foi concebido um guia com orientações, elaborado em outubro de 2015, para que os pesquisadores incorporassem a tarefa de fotografar como parte integrante da pesquisa.

QUADRO 1

Guia utilizado na etapa de adoção da fotografia como instrumento sistemático

Recomendações para fotografar em campo.

Servem para que tentemos manter algum padrão nos registros das famílias e possamos utilizar as fotos depois para algum tipo de análise ou consulta.

1. retratos individuais das pessoas entrevistadas:

- ao lado ou utilizando os meios de comunicação preferidos.
- olhando para a câmera.
- com flash
- plano americano, frontal

2. fotos dos ambientes principais, compartilhados pela família, em que apareçam televisão, telefone, rádio, etc.

- plano aberto
- com ou sem as pessoas

3. fotos gerais da propriedade

- o que o fotógrafo achar interessante para registrar um pouco das características de cada família (exemplo: fachada da casa)

Obs.: Não precisa fotografar muito. É apenas um registro auxiliar na pesquisa. Cuidar para que não haja constrangimento, nem atrapalhe as entrevistas. Sempre pedir autorização para as pessoas antes de clicar.

FONTE - ESCOSTEGUY et al, 2019, p. 92.

Por meio desse procedimento, concluímos que a realização dos retratos também gerou informações qualificadas sobre os locais em que as pessoas usavam as tecnologias de comunicação. Com o intuito de fotografar, o pesquisador deslocava-se até o local indicado pelo entrevistado e acabava conhecendo, vendo e indagando mais sobre as condições em que se davam os seus usos. Portanto, acreditamos ter sido possível complementar e aprofundar o domínio de informações sobre os espaços compartilhados pela família, como também aqueles individualizados no que diz respeito ao uso cotidiano de TICs via a fotografia. Este foi um resultado que impactou a produção de conhecimento no desenrolar do estudo.

A produção fotográfica acabou integrando-se à dinâmica da pesquisa de campo, sendo posteriormente repetida em todas as famílias visitadas. Inicialmente, buscávamos obter dados tanto sobre os dispositivos utilizados pelos indivíduos quanto dos locais de uso. Indagou-se sobre o tema em três momentos: (1) nos formulários individuais, (2) nas entrevistas em profundidade e (3) na proposta de se captar uma imagem. Na captação do retrato, mais do que o resultado final, era de suma importância atentar para as circunstâncias de produção do

mesmo, registradas nos diários de campo. Em última instância, a interação estabelecida entre entrevistado/entrevistador-fotógrafo foi o que permitiu o aprofundamento e a produção de novas informações. Nesse sentido, a produção de imagens permitiu a reconfiguração de relações entre entrevistado/a e entrevistador/a.

Foto 6

Retrato realizado após incorporação do guia fotográfico na pesquisa



FONTE - Fotografia registrada em campo pelos/as pesquisadores/as

Foto 7

Retrato realizado após incorporação do guia fotográfico na pesquisa



FONTE - Fotografia registrada em campo pelos/as pesquisadores/as

Foto 8

Retrato realizado após incorporação do guia fotográfico na pesquisa



FONTE - Fotografia registrada em campo pelos/as pesquisadores/as

É preciso aprofundarmos aqui a avaliação sobre a implantação desta ferramenta no decorrer da pesquisa. Diferente dos métodos de entrevista e aplicação de formulários, nosso grupo não trabalhou previamente em oficinas o uso da fotografia. Sendo assim, o material mais consistente ficou limitado às últimas saídas de campo, quando foram produzidos retratos individuais dos membros das famílias a partir das diretrizes expostas no Quadro 1. Embora reduzidos a uma parte das famílias participantes da pesquisa, as fotos foram importantes para analisarmos a configuração do espaço familiar a partir dos usos e apropriações de TICs porque geraram situações observáveis em campo.

Com o objetivo de mostrar a ampliação das informações obtidas a partir da inserção da dinâmica fotográfica, relatamos a experiência com uma idosa que lê diariamente pensamentos de um calendário alemão, recolhida em seu quarto pela manhã. Se as informações de sua predileção se reduzissem a pergunta e resposta no formulário (a primeira ferramenta utilizada em campo), teríamos apenas as informações do Quadro 2.

QUADRO 2

Formulário de Am. P. (Vale do Sol, 13 de abril de 2015)

Dados pessoais

1. Idade: 89
 2. Estado civil: viúva
 3. Atividades: agricultora e dona de casa
 4. Residência na infância: (X) Campo () Cidade
 5. Trabalho dos pais na infância: agricultura (fumo)
 [...]

Mídia

14. Que meios de comunicação (TV, jornal, revista, rádio, internet) você usa?
 TV e livro-calendário alemão (Die Gute Saat).
 15. TV (X) Sim () Não
 Emissora: Rede Globo
 Programa: novelas
 Local: cozinha
 Horário: 16h30, 18h e 19h
 Frequência: diariamente
 [...]
20. Livros (X) Sim () Não
 Tipo: livro-calendário alemão (Die Gute Saat), com mensagens diárias e passagens da Bíblia
 Local: quarto
 Horário: manhã
 Frequência: diariamente
21. Qual o seu meio de comunicação favorito? Livro

FONTE – ESCOSTEGUY et al, 2019, p. 93-94.

Já a entrevista em profundidade, que se deu em outra visita à família, com intervalo de alguns meses, revelaria um pouco mais sobre o tema, conforme a transcrição no Quadro 3. A primeira questão que se colocou foi a ampliação de sua resposta sobre o meio de comunicação preferido. Junto ao livro alemão citado no formulário, mencionou a televisão e jogar pife. Embora o jogo de cartas não seja uma TIC, precisamos considerar a interpretação da pergunta por parte da entrevistada e considerar sua resposta. Por meio da entrevista com Am. P. e outros membros da família, ficamos sabendo que o hábito da televisão é compartilhado com os netos, filho e nora, no ambiente da cozinha. Já o jogo de pife costuma

ser a principal atração das tardes no clube da comunidade de Vale do Sol, somente entre mulheres. Ou seja, a informante trouxe dois hábitos ligados à sociabilidade, ao lado do costume solitário de ler de manhã no seu dormitório.

QUADRO 3

Entrevista com Am. P. (Vale do Sol, 22 de junho de 2015)¹⁰

*Entrevistador 1: Eu fiz uma pergunta pra senhora, na outra vez, eu vou fazer de novo, mas eu queria que a senhora me, me explicasse um pouco. Qual o seu meio de comunicação favorito?

Am.: [...]

J. P. (neto, 18 anos): Ela gosta mais, ehh, de ler, ah, olhar TV e jogar pife.

*Entrevistador 1: Olha só.

(risadas)

Nesta ordem?

Am.: Ahan.

*Entrevistador 1: Gosta mais de ler, depois TV, e terceiro lugar, pife?

Am.: Ahan.

*Entrevistador 2: Posso, posso?

*Entrevistador 1: Claro.

*Entrevistador 2: A senhora considera o pife da mesma maneira que a senhora considera ler ou a televisão?

J.: [...]

*Entrevistador 2: É um divertimento.

Am.: [...]

J.: Ela ainda prefere um pouquinho mais o pife.

*Entrevistador 2: Porque ela ganha. (risadas)

FONTE – ESCOSTEGUY et al, 2019, p. 94.

Já, ao aplicarmos a prática do retrato em campo e depois relatarmos por escrito as condições e fatos gerados durante a produção das imagens, apareceram mais informações. Assim, foi possível reunir uma complexidade maior de dados, que ajudam a configurar as relações familiares no espaço da casa, conforme o relato transcrito no Quadro 4, apesar de Am. P. ter-se negado a atender o pedido de fotografá-la na intimidade do seu dormitório, local onde faz a leitura do seu meio favorito.

¹⁰ A senhora Am. P. tinha 89 anos no momento da entrevista e não se comunicava em Português. Contamos com a tradução simultânea do seu neto J. P. (18 anos). Desta forma, na transcrição do Quadro 3, onde há três pontos entre colchetes, entende-se que a entrevistada estava falando em Alemão.

QUADRO 4
Relato de Campo nº5 (Vale do Sol, 22 de junho de 2015)

[...]

A entrevista com Am. P. ocorreu de forma fluida, por mais que as quebras na fala, por causa da tradução, dificultassem um pouco. Ela parecia bem-humorada e disponível para a conversa. [...] acredito que devido à sua idade e à resistência demonstrada na primeira visita, em abril, Am. foi bem receptiva e participativa. Só, no final, ficou indecisa quanto ao meu pedido de fotografá-la. Mas após insistência dos netos que estavam presentes, assentiu. Seu meio de comunicação predileto era um calendário de mensagens. Perguntei onde ela costumava ler. Era no quarto. Então sugeri realizarmos o retrato no quarto, mas ela desaprovou. Acabamos fotografando na cozinha, onde ela costuma sentar para assistir à televisão.

[...]

FONTE – ESCOSTEGUY et al, 2019, p. 95.

Não é objetivo deste artigo prosseguir com a análise específica do caso de Am. P., o que já foi desenvolvido em outro trabalho publicado pelo grupo de pesquisa (ESCOSTEGUY et al, 2018), abordando ainda questões de gênero e de geração. Mas seu exemplo é importante para demonstrarmos os resultados da adoção sistemática da fotografia em campo. Devido à decisão de incorporar esse recurso à metodologia, no andamento da pesquisa, não obtivemos de todos os informantes os três níveis de informação relatados. Nota-se que tanto no formulário, quanto na entrevista e no retrato, a questão girava em torno da pergunta “qual seu meio de comunicação favorito?”. Por isso, considerando nossa experiência, recomendamos treinamento dos pesquisadores antes das saídas a campo, para que se colete de forma qualificada e metódica os dados, sobretudo, no que diz respeito à técnica fotográfica.

Ainda, no caso em tela, a questão estética é importante para o pesquisador que irá operar a câmera, mesmo que acessória para os objetivos finais de uso das imagens. Portanto, é relevante ressaltar que nossa estratégia metodológica instrumentalizou a fotografia, em um segundo movimento, no sentido de provocar uma dinâmica a ser interpretada e não como representação de um “real”.

Além disso, na Sociologia, ainda que se postule a fotografia como importante documento, não se deixa de grifar seus desafios. Para José de Souza Martins (2009, p. 11), “tomar a imagem fotográfica como documento social em termos absolutos envolve as mesmas dificuldades que há quando se toma a palavra falada, o depoimento, a entrevista, em termos absolutos, como referência sociológica, que são as dificuldades de sua insuficiência e de suas limitações”.

No caso de nossa experiência em campo, é preciso assim ressaltar e refletir sobre a situação em que as fotografias foram captadas. Tratou-se de uma provocação da equipe para que as pessoas escolhessem como seriam fotografadas. Ou seja, a produção do material fotográfico é resultado da interação entre o pesquisador e as famílias participantes da investigação. Para Martins, “quando as pessoas dão uma entrevista ou um depoimento a um pesquisador, sociólogo, antropólogo, historiador ou psicólogo, relatam fatos, interpretando-os” (2009, p. 13). Desta forma, é importante que o pesquisador analise a interpretação que o entrevistado faz dos processos interativos que vive, e desvende as conexões entre o visível e o invisível.

[...] o pesquisador não só obtém e produz conhecimento, mas ao entrar na realidade investigada interage e, ao interagir, altera necessariamente o conhecimento de senso comum referencial das populações estudadas. A informação que obtém está necessariamente contaminada por sua presença (MARTINS, 2009, p. 14).

Novamente, ressaltamos que mais importante que as informações visuais que a fotografia carrega, nos debruçamos, nesta situação, justamente na interação com os fotografados. Interessa-nos o que o convite para o retrato gerou no comportamento das pessoas e que tipo de resposta elas deram. Portanto, não há preocupação com uma suposta e utópica fidelidade ao cotidiano estudado, como se ele pudesse se cristalizar na imagem. Temos ciência das constantes reconfigurações que envolvem a presença não só de familiares, mas também dos pesquisadores.

Retomando os relatos de campo, procuramos inferir sobre as dinâmicas espaciais em cada núcleo familiar. É indispensável ter em conta que o próprio fotografado, em muitas circunstâncias, é um poderoso coadjuvante do ato fotográfico. Importante notar que “a cultura popular da imagem [...] considera lícita a transformação de certos momentos da vida [...] em imagem fotográfica” (MARTINS, 2009, p. 15), mas considera que outros momentos e situações devem ser interditados à visão do fotógrafo. Assim, anotando permissões e interdições à fotografia, pode-se obter mais informações sobre regras de acesso a situações e espaços.

Na Antropologia, é imprescindível refletir sobre a intervenção dos pesquisadores nas culturas fotografadas. De acordo com o etnógrafo inglês Marcus Banks, “através da criação de imagens das pessoas e suas ações, o pesquisador social intervém na vida delas, forjando representações em que elas têm um grau de interesse variável e sobre o qual elas podem ter pouco controle” (2001, p. 113, tradução nossa). Para o exercício fotográfico em campo, Banks aconselha garantir que as pessoas entendam o que se está fazendo e o porquê: “Em alguns contextos as pessoas irão encorajar ativamente o pesquisador a criar imagens, em outros elas vão parecer indiferentes, e em outros elas vão mais ou menos educadamente pedir para parar ou evitar as lentes (2001, p. 113, tradução nossa).

A partir de sua experiência em campo na Índia, Banks relata a dificuldade em explicar para as pessoas o que estava fazendo. Assim, precisou interagir mais com a população, diferente da prática de apenas observar e registrar com certo distanciamento. O antropólogo reconhece que essa dificuldade acabou colaborando para o desenvolvimento de sua pesquisa, que, além de planejamento, ganhou espontaneidade. Banks conclui que “a produção de imagens fotográficas é um evento social, envolvendo comunicação e compreensão mútua por parte do criador de imagens e do sujeito da imagem” (2001, p. 117, tradução nossa).

Se observarmos o amplo espectro da produção da antropologia visual (RIBEIRO, 2005, p. 632-633), identificaremos três objetivos principais: realização do trabalho de campo (estratégia adequada de pesquisa), construção de discurso ou narrativas visuais e análise dos produtos visuais. A última alternativa não foi propriamente implementada em nossa pesquisa, embora os álbuns tenham sido “lidos” pelos próprios fotografados e suas impressões registradas e incorporadas em nossas análises de suas práticas com as TICs.

Considerando o primeiro objetivo, da estratégia em campo, acreditamos que como método conexo, a fotografia pode ser um pertinente instrumento para descrever e problematizar a cultura em contextos privados, tais como o ambiente de uma família, em uma pesquisa que tem como principal foco os usos de tecnologias de comunicação. Por se tratar de um trabalho que dispõe de pouco tempo de contato com as comunidades estudadas, o ato de fotografar pode visar o registro de informações enquanto provoca novas situações observáveis.

Cientes das atuais tendências na antropologia visual, em que pesquisador e informante estabelecem uma base comum de compreensão, consideremos o seguinte paradigma:

Historicamente as origens da antropologia visual assentam em pressupostos positivistas, isto é, que uma realidade objetiva é observável e que o rigor da observação é dependente dos métodos de pesquisa. No entanto, frequentemente se admite a natureza socialmente construída da realidade cultural e a natureza experimental de nossa compreensão de qualquer cultura, e é nesse contexto que de modo habitual se situa a antropologia visual, identificada por vezes como pós-estruturalista e pós-modernista (RIBEIRO, 2005, p. 629).

Esta desmistificação do rigor e da objetividade em nome da observação das relações produzidas pelo ato fotográfico guia a elaboração de um protocolo de trabalho de campo, que será exposto no próximo item deste artigo. Parte-se ainda do pressuposto de que esse relacionamento ocorre em um contexto onde frequentemente etnógrafos e participantes da pesquisa têm acesso a tecnologias muito similares (PINK, 2013, p. 4). Segundo a antropóloga australiana Sarah Pink, os domínios do trabalho de campo contemporâneo “estão saturados com imagens visuais, práticas de criação de imagens e aparência” (2013, p. 5, tradução nossa). Então, esse contexto deve ser considerado e trabalhado pela etnografia visual. Uma das formas emergentes de se fazer isso é envolver ativamente a comunidade estudada na produção visual. No nosso caso, mesmo que não ofereçamos máquinas fotográficas para os informantes produzirem imagens por si mesmos, contamos com suas sugestões para definir o local de captação dos retratos.

Sobre a construção de narrativas visuais, vale o registro de que em nosso relatório final da pesquisa, publicado em *As tecnologias de comunicação no cotidiano de famílias rurais – (Re) Configurações de uma ruralidade* (2019), apresentamos duas seções onde exercitamos parcialmente a construção de uma narrativa visual – *A geografia da propriedade rural* (p. 119-129) e *Os sujeitos da pesquisa* (p. 119-129), ainda que acompanhada de texto escrito. Isso ocorreu devido ao fato de não termos refletido apropriadamente sobre sua construção com método. No entanto, aderimos ao entendimento de que “a fotografia deve ser fruto de um longo processo de construção, a construção de uma descrição visual. As fotografias no resultado final devem formar um todo”. Isto é, “devem se oferecer apenas ao olhar, sem nenhum texto intercalado” (ACHUTTI, 2002/2003, p. 4). O trabalho pioneiro de Leal (1983), especialmente, sobre a televisão, é um marco a esse respeito.

4. Uma proposta para o uso da fotografia no estudo de práticas com as TICs

A partir de uma reavaliação do que foi feito ao longo do estudo citado, reelaboramos o guia original de trabalho de campo e aqui apresentamos um protocolo para atividades fotográficas que pode compor o conjunto de metodologias multidisciplinares aplicado a pesquisas sobre práticas com as TICs. Devido ao término da pesquisa, não pudemos aplicá-lo nesta versão mais aprimorada. Porém, consideramo-lo um importante registro da evolução do uso do recurso da fotografia, pois já implica uma reflexão metodológica sobre esta ferramenta.

Com isso, reiteramos que é essencial a realização de uma oficina de preparação, em que aspectos estéticos e metodológicos sejam abordados com intuito de formação dos pesquisadores. A seguir apresentamos o protocolo:

QUADRO 5

Protocolo para o uso do recurso fotográfico em estudos de práticas com as TICs

Recomendações para fotografar em campo, em pesquisa sobre usos e apropriações de tecnologias de comunicação.

Objetivos:

Tecnicamente, pretende-se manter algum padrão nos registros fotográficos do grupo em estudo, para efeitos de comparação, análise e consulta.

A inserção do ato fotográfico em campo visa principalmente provocar situações observáveis, em que as reações dos fotografados poderão ser relatadas pelos pesquisadores e, posteriormente, comporem informações analisáveis.

O ato de fotografar insere-se como um gatilho para provocar os entrevistados a demonstrarem como reagem à

utilização de uma determinada tecnologia envolvendo-os pessoalmente.

Equipamento:

Câmeras SLR (Single Lens Reflex), que têm aparência de equipamento profissional (não as compactas). Pois sugerem mais formalidade do que produzir um retrato com celular, por exemplo. O entrevistado tende a valorizar mais a tarefa, como um ato importante de registro fotográfico.

Fotografar:

1. retratos individuais das pessoas entrevistadas:

- com os meios de comunicação preferidos (ao lado ou utilizando-os).
- olhando para a câmera (posados).
- com flash, plano americano e frontal (manter certo padrão estético neutro).

2. fotos dos ambientes principais, compartilhados pela família, em que apareçam televisão, telefone, rádio, etc. (para lembrar a disposição dos ambientes citados nas entrevistas).

- plano aberto
- com ou sem as pessoas

3. fotos gerais da propriedade (conteúdo extra que pode ser usado para ilustrar apresentações de relatórios de pesquisa).

- o que o fotógrafo considerar interessante registrar sobre as características de cada família (exemplos: fachada da casa, closes em TICs)

Observações:

- não fotografar em demasia, porque se trata de um registro complementar na pesquisa.
- cuidar para que não haja constrangimento, nem atrapalhe as entrevistas.
- sempre pedir permissão para as pessoas antes de clicar.

Relato de Campo:

Mais importante que o resultado obtido com as imagens é o relato de campo, onde o fotógrafo deve descrever a experiência na interação com os fotografados.

FONTE – Guia elaborado pelos autores.

Nosso objetivo principal com a fotografia foi assumir esse recurso como meio para provocar diferentes dinâmicas relacionadas ao espaço familiar e aos usos de meios de comunicação. Acreditamos que por ser um instrumento relacionado à cultura da imagem e das TICs, a presença da câmera fotográfica constitui-se por si só um elemento de ativação de

comportamentos instigantes para o nosso estudo. Em nossa experiência, também observamos a ativação de falas e reflexões sobre o ato de ser fotografada/o. Mesmo que esta etapa ocorra após as entrevistas, os pesquisadores têm a oportunidade de registrar o que for importante nos relatos de campo.

Um ponto a ser comentado, a partir da reflexão metodológica, é a opção final por uso de máquinas DSLR (Digital Single Lens Reflex) de pequeno porte, conforme a experiência de alguns pesquisadores no Vale do Sol. Um motivo é que esses equipamentos proporcionam melhor qualidade para a confecção de impressões que têm a possibilidade de ser “devolvidos” às famílias, o que chancela a posição de profissionalismo dos pesquisadores e a confiança por parte dos informantes. Outro é que, no ato interativo de produção das imagens, promove-se um acontecimento fotográfico, ou seja, um momento que é valorizado pelo/a informante, já que são acionados comportamentos relativos ao “ser fotografado”. Esse tipo de acionamento, acreditamos, relaciona-se diretamente com as interpretações e visões das pessoas em relação aos usos de TICs e ao contexto midiático em que estão inseridas.

Também, propomos no protocolo a captação de fotografias de forma esteticamente neutra e que reúna bom volume de informações, com técnica mínima adequada¹¹. Por isso, indica-se fotografar com flash, frontal e plano americano, no caso dos retratos. O *close* nos objetos também é útil para produzir documentação que poderá ser acessada em trabalhos posteriores, de análise dos dados, bem como por outros pesquisadores com outros interesses futuros.

Assim incorporamos as três principais funções da fotografia em pesquisas das ciências sociais (RIBEIRO, 2005). Acima citamos como estratégia no trabalho de campo e como documentação. Já em relação à função de construir uma narrativa visual para expor e compartilhar resultados, optamos por a) fazê-la de forma privada, dentro do relacionamento entre pesquisadores e participantes, mediante a produção do álbum e sua entrega e b) apresentar uma série de fotos que oferecem a possibilidade de reconstituição imagética dos espaços investigados e dos atores com seus meios de comunicação favoritos. Não se pretende com este protocolo de trabalho a produção de material visual para fins de exposição e/ou educativos. Contudo, realizamos a confecção de “álbuns de família”, com a finalidade de devolvê-los à comunidade participante e assim provocamos mais uma atividade de

11 O parâmetro técnico mínimo é de fotografias sem imagem tremida e com resolução suficiente para visualização em tela de computador.

observação.

A avaliação que fazemos deste percurso metodológico em cinco anos de pesquisa no Vale do Sol (RS) é que a fotografia ganhou importância como ferramenta auxiliar e proporcionou a coleta de novos dados, a partir do momento em que foi incorporada de forma sistemática e metódica. Os desdobramentos e o potencial do método elaborado de forma intuitiva e improvisada, baseado na experiência e na consulta à bibliografia básica da Antropologia e da Sociologia, não se desvendaram por completo, visto que realizamos as reflexões *a posteriori*. Mesmo assim, reunimos e expomos aqui evidências de que a produção de imagens nos estudos das práticas com as TICs pode ser um componente muito útil na metodologia qualitativa que se inspira na etnografia, e mantém contato com as pessoas de forma mais breve e pontual.

Os atos fotográficos são assim catalisadores de dinâmicas de campo, que proporcionam situações observáveis que cruzam os contextos midiáticos com os próprios das comunidades estudadas. Ao provocar a realização de um retrato de uma pessoa no local onde ela costuma usar o seu meio de comunicação preferido, o pesquisador acompanha diretamente a configuração das escolhas e interpretações que o informante faz do tema que está sendo problematizado.

No âmbito dos Estudos Culturais articulados à Comunicação, considerando a relevância da instância de representação para a compreensão das culturas contemporâneas, percebe-se o potencial do deixar-se fotografar e as implicações das escolhas de local, forma, pose, momento, estado de espírito, etc., no entendimento que os indivíduos e as comunidades têm de si e/ou desejam representar para os outros.

Referências

ACHUTTI, L. E. Fotos e palavras, do campo aos livros. **Studium** (UNICAMP), v. 12, 2002/2003. Disponível em: <http://www.studium.iar.unicamp.br/12/1.html>. Acesso em: 17 fev. 2020.

BANKS, M.. **Visual Methods in Social Research**. Londres: Sage Publications, 2001.

BONIN, I. T.; RIPOLL, D; SANTOS, L. H. S. S. Ética, pesquisa e imagem de povos indígenas. **Revista Teias: Ética e pesquisas com imagem**. Rio de Janeiro, v. 16, n. 42, jul./set. 2015. p. 106-125

DURHAM, E. R. A pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas. CARDOSO, R. (org.). **A aventura antropológica: teoria e pesquisa**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1986. p. 17-38.

ECKERT, C; ROCHA, A. L. C. Antropologia da imagem no Brasil: experiências fundacionais para a construção de uma comunidade interpretativa. **Illuminuras**, Porto Alegre, v. 17, n. 41, jan/jun, 2016. p. 277-297.

ESCOSTEGUY, A. C.; BIANCHINI, A.; RIBAS, J. V. A noção de espaço na apropriação de tecnologias de comunicação no rural contemporâneo. **Revista Famecos**. Porto Alegre, 2018. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/28325> Acesso em: 17 fev. 2020.

ESCOSTEGUY, A. C.; BIANCHINI, A.; RIBAS, J. V. As famílias rurais. In: ESCOSTEGUY, A. C. D. et al. **As tecnologias de comunicação no cotidiano de famílias rurais: (Re)Configurações de uma ruralidade**. 1. ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2019, p. 112-129.

ESCOSTEGUY, A. C. D. et al. **As tecnologias de comunicação no cotidiano de famílias rurais: (Re)Configurações de uma ruralidade**. 1. ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2019. 213p .

GUERIN, Y. S.; DEPONTI, C. M.; FELIPPI, A. C. T. Novos olhares sobre a ruralidade. In: ESCOSTEGUY, A. C. D. et al. **As tecnologias de comunicação no cotidiano de famílias rurais: (Re)Configurações de uma ruralidade**. 1. ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2019. v. 1. p. 32-52.

LEAL, O. F. Os televisores, os objetos, os gostos e seus espaços. In: LEAL, O. F. **A leitura da novela das oito**. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. UFRGS, 1983, p. 70-85.

MARTINS, J. S. **Sociologia da fotografia e da imagem**. São Paulo: Contexto, 2009.

NEVES, S.; NOGUEIRA, C. Metodologias feministas: a reflexividade ao serviço da investigação em ciências sociais. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 18 (3), 2005. p. 408-412.

PINK, S. **Doing visual ethnography**. Londres: Sage Publications, 2013.

REGUILLO, Rossana. Rompecabezas de una escritura: Jesús Martín-Barbero y la cultura en America Latina. In: TOSCANO, Maria Cristina; REGUILLO, Rossana (org.). **Mapas nocturnos: diálogos con la obra de Jesús Martín-Barbero**. Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 1998. p. 91-101.

RIBEIRO, J. S. Antropologia visual, práticas antigas e novas perspectivas de investigação. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 48, n. 2, jul./dez., 2005.

WAJCMAN, J. **Esclavos del tempo**. Vidas aceleradas en la era del capitalismo digital. Paidós: Barcelona, 2017.